

# A tímida entrada dos eletrodomésticos nos lares portugueses: os discursos imagéticos e textuais na revista *Fémina* (1933-1938)

The timid arrival of home appliances into Portuguese homes:  
the imagery and textual speeches in the magazine *Fémina*  
(1933-1938)

volume 14 número 27 jun/dez 2020



*Isabel Drumond Braga*<sup>1</sup>

isabeldrumondbraga@gmail.com

*Cultura Material:  
objetos, imagens e representações - 1/2*

## Resumo

A partir da *Fémina*, sem descurar revistas generalistas, manuais de economia doméstica, memórias, publicidade e textos literários, procuramos perceber o início da entrada dos eletrodomésticos nos lares portugueses nos primeiros anos do século XX. Isto é, visou perceber-se de que modo a *Fémina* informou e incutiu às leitoras a necessidade e as vantagens de adquirir os novos aparelhos domésticos, moldando um comportamento que deveria ter em conta as vantagens ao nível da saúde, da higiene, da economia e da eficácia.

**Palavras-chave:** Eletrodomésticos, *Fémina*; Revistas femininas; Portugal.

## Abstract

Based on *Fémina* magazine, without neglecting general magazines, home economics advices, memoirs, advertising and literary texts, this paper aims to understand the arrival of household appliances in Portuguese homes in the early years of the 20th century. So the main aim was to understand how *Fémina* informed and instilled in readers the need and the advantages of acquiring new domestic appliances, shaping a behavior that should take into account the advantages in terms of health, hygiene, economy and effectiveness.

**Key-words:** Appliance; *Fémina*; feminin magazines; Portugal.

<sup>1</sup> Doutora em História Económica e Social pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Professora associada com agregação da Faculdade de Letras da U Lisboa. E-mail: isabeldrumondbraga@gmail.com.

<sup>2</sup> O mesmo aconteceu em outras historiografias. Para França, cf. as observações de COSNIER, 2009, p. 9.

<sup>3</sup> Deste projeto podem ser vistos já alguns resultados, além dos trabalhos referenciados como BRAGA, 2019, BRAGA, 2020 e BRAGA, PILLA, 2020, a saber: a coordenação do Caderno Espaço Feminino, vol. 32, n.º 1 (Dossiê temático Revistas femininas em debate – Brasil e Portugal no século XX). Uberlândia, 2019, em linha: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/issue/view/1875> e a coordenação com Teresa Nunes de História e Género Seminários Centro de História da ULisboa: Informar, distrair e disciplinar: revistas femininas dos séculos XIX e XX – Lisboa, Centro de História da Faculdade de Letras, 14 de maio de 2019.

## Estado da arte

Ao contrário do que aconteceu em outros países europeus, em que as revistas femininas apareceram sobretudo no século XVIII – a Inglaterra terá sido pioneira com *Lady's Mercure* (1693) e *The Female Spectator* (1744), a que se seguiram, em França, *Le Courier de la Nouveauté* (1758), em Espanha, *La Pensadora Gaditana* (1768), em Itália, *Toilette* (1770), na Alemanha, *Akademie der Grazien* (1774) – em Portugal, coube ao *Correio das Modas* (1807) o estatuto de primeiro destinado às senhoras. Independentemente dos posicionamentos mais ou menos críticos, pluralistas, contraditórios, tradicionalistas ou outros, e da duração, frequentemente curta, das revistas dedicadas ao sexo feminino, a historiografia portuguesa pouca atenção lhes tem prestado, se esquecermos algumas linhas em livros sobre a imprensa e escassos trabalhos específicos. Ivone Leal foi responsável pela inventariação desta categoria de periódicos (LEAL, 1992) e Ana Maria Costa Lopes, estudou as imagens da mulher de Oitocentos, em especial na ótica dos saberes, veiculadas pelas revistas (LOPES, 2005). Teresa Salvador dedicou-lhes um artigo no qual refletiu sobre as designações dos periódicos e a relevância dos conteúdos, recorrendo a exemplificações concretas, incluindo ainda uma lista das publicações (SALVADOR, 2009).

A historiografia portuguesa tem igualmente negligenciado o estudo

das revistas femininas do século XX como fontes relevantes para o estudo de matérias tão diversas como o corpo, a alimentação, a higiene e beleza, a moda, a educação infantil, a decoração, a publicidade, o exercício físico, a vida cultural, as atividades mundanas e tantos outros temas, considerados frequentemente como menores, fúteis e frívolos<sup>2</sup>, esquecendo que as revistas são documentos fundamentais para os estudos de história de género, de cultura e de história social. Com exceção de alguns trabalhos recentes sobre aspetos parciais de *O Jornal da Mulher*, cuja edição teve início em 1910 (BRAGA, 2020), *Modas & Bordados*, publicada desde 1912 (PRATES, 2003; ALVIM, 2004; GUIMARÃES, 2007; AGOSTINHO, 2007; RODRIGUES, 2016); da *Eva*, editada em 1925 (GOMES, 2011); da *Fémima*, a partir de 1933 (BRAGA, 2019) e da *Menina e Moça*, desde 1947 (BRAGA, BRAGA, 2012); resta um enorme vazio que urge preencher. Nesse sentido, o trabalho que agora se apresenta faz parte de um projeto de investigação intitulado *Informar, distrair e disciplinar: revistas portuguesas femininas do século XX*<sup>3</sup>, no qual se procura perceber como se formaram e moldaram os comportamentos, fortemente impregnados de uma retórica político educacional veiculada nos periódicos destinados às mulheres.

Urge, pois, estabelecer objetivos e utilizar estas fontes de temáticas variadas para conhecer as transformações sociais e culturais do universo feminino durante o

século XX e avaliar as influências das revistas estrangeiras nas congêneres portuguesas. Se bem que algumas destas publicações destaquem as mulheres pioneiras em algumas atividades, as boas e más profissões para o sexo feminino continuaram a estar na mente de quase todos. Por outro lado, a educação das jovens, os valores a inculcar-lhes, nomeadamente em relação à conduta ajustada para concretizar o maior objetivo da vida das mulheres, ou seja, o casamento, as leituras adequadas às meninas, a par dos conselhos para cuidar das crianças, deu origem a muitos artigos sobre educação juvenil e sobre puericultura. Já matérias que tocassem em política, questões sociais, escândalos, catástrofes e tudo o que fizesse perder a graça e o encanto femininos esteve ausente da esmagadora maioria das publicações.

Neste sentido, em especial a partir da revista *Fémína*, sem, contudo, descurar revistas generalistas, manuais de economia doméstica, memórias e textos literários, procuramos perceber o início da entrada dos eletrodomésticos nos lares portugueses nos primeiros anos do século XX, resultante da divulgação do gás e da eletricidade, em especial na capital. Importa, assim, perceber de que modo a *Fémína* informou e inculcou às leitoras a necessidade e as vantagens de adquirir essas novidades, então designados como “aparelhos elétricos para uso doméstico”, “aparelhagem elétrica”, “artigos

elétricos”, “artigos eletrodomésticos” e “aparelhos eletrodomésticos” (BUSSOLA, 2004, pp. 23-24).

## O gás e a eletricidade

Nas vésperas da II Guerra Mundial, a eletricidade estava ainda longe de dominar, mesmo em Lisboa. Além de permitir a iluminação, possibilitava o aquecimento da casa, da água e o uso doméstico, favorecendo a difusão de novos aparelhos publicitados nos jornais e nas revistas – tais como, aspirador, escalfeta, ferro de engomar ou de brunir, fogão, frigorífico, irradiador, máquina de lavar roupa, secador de cabelo, ventoinha (*Fémína*, n.º 35, Lisboa, 13-07-1934, p. 17) – ao mesmo tempo em que era objeto de campanhas de esclarecimento da população.

Virgínia de Castro e Almeida, na sua muito conhecida obra *Como devo governar a minha casa*, que conheceu três edições (1906, 1916 e 1924), defendeu o uso da eletricidade, apesar de mais cara, considerando que era mais higiénica e segura do que as restantes formas de iluminação e de aquecimento. Em segundo lugar, referiu o gás sem, contudo, deixar de considerar o petróleo, o azeite, as velas, a lenha e o carvão (ALMEIDA, 1906, pp. 31-57). Mais surpreendente é a posição de quem escreveu em 1943 e se deteve nos fogões elétricos, entendendo-os como inacessíveis, admitindo os que funcionavam a gás, como limpos e económicos, mas demorando-se especialmente

nos fogareiros de serradura e nos caixotes de palha, considerados muito económicos (NAMORADO, 1943, pp. 103-106).

A par de carvão, lenha e eletricidade, encontrou-se o gás, que ainda não estava generalizado nas grandes cidades quando a eletrificação das casas de morada se foi impondo. Tratou-se de um processo longo, mais rápido nos meios urbanos do que nos rurais, e que esteve em curso durante as décadas aqui em estudo. Em 1920, apenas 13.635 lares lisboetas tinham contadores de eletricidade. No Porto, eram 5.892, para um número de casas 10 vezes superior (MARQUES, 1991, pp. 641-642). Nas décadas de 1930 e de 1940, esta cidade beneficiava de tarifas de eletricidade mais baixas do que Lisboa, uma vez que utilizava a energia hidroelétrica (BUSSOLA, 2004, pp. 43-45). Em 1950, os lares lisboetas com eletricidade instalada atingiram 81% (BUSSOLA, 2004, p. 53).

Recorrendo às memórias de Rómulo de Carvalho, (1906-1997), professor e escritor, autor de obras literárias e científicas sobre a história das ciências e da educação, podemos perceber como se iluminava uma casa antes da difusão da eletricidade:

A luz da casa acendia-se sempre tarde, por economia e por ser dispensável. Havia na casa, para a iluminação, diversos candeeiros de petróleo, de torcida, e parece-me que também havia um candeeiro de gás

suspensão do teto da casa de jantar. Nos quartos de dormir usavam-se velas de estearina, enfiadas numa base que fazia de suporte e a que se dava o nome de palmatória. Quando era necessário, de noite, descer ou subir a escada, que conduzia à rua, levava-se um pavio, e uma caixa de fósforos (CARVALHO, 2011, p. 46).

### Cuidar dos alimentos: fogões e frigoríficos

Ainda que timidamente, os eletrodomésticos foram aparecendo e, em muitos casos, defendeu-se que poderiam substituir o pessoal doméstico. Olhados ora com desconfiança e receio ora com cobiça, revelavam o progresso que chegava do estrangeiro. Nas casas de morada, deram entrada de forma tímida e, em especial, a partir da II Guerra Mundial. Contudo, décadas antes, começaram a reinar, em especial, mas não exclusivamente, na cozinha. Ao contrário do que aconteceu em outros países mais desenvolvidos, nos quais o peso da indústria era significativo, em Portugal o consumo de eletricidade cresceu ao longo dos anos de 1930, contando com o peso do setor doméstico. Os pequenos eletrodomésticos parecem ter sido vistos como uma forma de abrir caminho para a aquisição dos grandes – fogão, frigorífico, esquentador – de modo a criar um hábito e a torná-los parte integrante do quotidiano doméstico (BUSSOLA, 2012, pp. 140-149).

As memórias de Rómulo de Carvalho dão a conhecer o universo doméstico, a começar pelo local onde se preparavam os alimentos, por volta de 1919, com realce para o uso do fogo:

a cozinha, esse mundo de atividade ininterrupta, centro vital da família. Para aí acorriam as mulheres mal se levantavam, e daí saíam à noite para se deitarem [...]. A nossa cozinha era um compartimento amplo. Tinha, a meio, uma mesa grande, forrada de oleado, chamada 'mesa de cozinha', com gavetas a todo o comprimento para guardar talheres e outros pertences miúdos. A ladear a mesa dois bancos de modelo próprio designados 'bancos de cozinha'. Na parede maior, e no meio dela, situava-se a chaminé, onde estavam instalados o fogão, para carvão ou lenha, ou ambas as coisas, e fogareiros subsidiários. Os combustíveis usados na época para confeccionar a comida eram o carvão (carvão de madeira) e a lenha, o que exigia que houvesse em casa de cada um, um espaço próprio para a sua acomodação [...]. A parte da manhã, em casa, era ocupada na cozinha a acender o fogão ou o fogareiro, este mais frequente para os cozinhados do dia-a-dia, e aquele para quando havia alguma almoçarada com mais comensais (CARVALHO, 2011, pp. 37-38).

Assim se compreende que, em 1930, ainda houvesse necessidade de explicar a relevância do gás, face ao petróleo, ao carvão e à lenha, e os seus múltiplos usos nas casas citadinas:

Muitíssimas vezes o gás é admitido em casa como um parente pobre. Instala-se timidamente na cozinha. Emprega-se na casa de banho porque aí não há maneira de o fazer substituir, tão evidentes são as suas vantagens [...]. O gás tem, em toda a casa, múltiplas e interessantes aplicações [...]. Primeiramente na cozinha, onde o elegante e prático fogão de gás substituirá o móvel sujo e incomodativo que é o fogão a carvão. Em seguida, na casa de banho, onde, graças ao esquentador, se obterá, a todo o momento, dentro de 15 ou 20 minutos, um banho à temperatura desejada. Se o esquentador é um aparelho distribuidor, poderemos distribuir, em toda a casa, a água quente necessária às necessidades da cozinha, dos quartos de cama, etc. (*O Notícias Ilustrado*, II série, n.º 93, Lisboa, 23-03-1930).

A publicidade não poupava esforços para conseguir compradores para os novos produtos, fazendo acompanhar as imagens por longos textos explicativos. A *Fábrica Portugal*, cujos fogões esmaltados, a carvão ou a gás, eram vendidos em várias lojas em Lisboa, fez publicar, em 1934, um texto no qual anunciava os

4 Outros anúncios afins, podem ser vistos em *Fémina*, n.º 63, Lisboa, 25-01-1935; n.º 64, 01-02-1935 (este sobre as asas isoladoras), entre outros.

seus produtos, aludindo às cozinhas do passado, considerando-as divorciadas da boa ordem e método, com fogareiros a carvão de sobro, tachos pesados e sujos de cobre e ferro, a par de utensílios de lata. Para fazer face a esta situação, a dona de casa moderna, mesmo aquela que só entrava na cozinha quando se encontrava sem criada, poderia preparar as refeições envergando vestido e avental de seda, desde que tivesse um dos referidos fogões e um trem de cozinha de alumínio, preferencialmente com asas e cabos isoladores, que a fábrica produzia em exclusivo (*Fémina*, n.º 22, Lisboa, 13-04-1934, p. 22). Em outros números da mesma revista, optou por uma imagem de outra cozinha e um texto bastante mais pequeno (*Fémina*, n.º 26, Lisboa, 11-05-1934, p. 21)<sup>4</sup>.

**Figura 1** – Um anúncio com longo texto e imagem no qual se publicitam fogões e de trens de cozinha da *Fábrica Portugal*. *Fémina*, n.º 22, Lisboa, 13-04-1934, p. 22.



**A cozinha portuguesa**

gradável perfume a gasolina, com o carácter suave de uma coza onde se não possa sentir nem o ruído nem o fumo.

Felizmente que todos esses maus hábitos vão desaparecendo e logo se dáem de coza modernas, mais limpas e mais agradáveis ao espírito e mais saudáveis para a saúde.

Logo, por qualquer ocasião, mesmo em trajos de festa, entre, sem receio de se sujar, na sua cozinha.

Chamamos a atenção das senhoras para a maior comodidade que nos apresenta a *Fábrica Portugal* e que poderão examinar em qualquer dos seus estabelecimentos de venda na Praça dos Restauradores, na Avenida da República, na Rua Pálio Monte e na Rua da Graça.

Tudo quanto há de mais moderno e prático numa cozinha pode e prepara dona de casa preparar as refeições, se encontra nos estabelecimentos da *Fábrica Portugal*.

Todo o trem de coza possui asas e cabos isoladores que evita os queimaduras.

QUADRAS

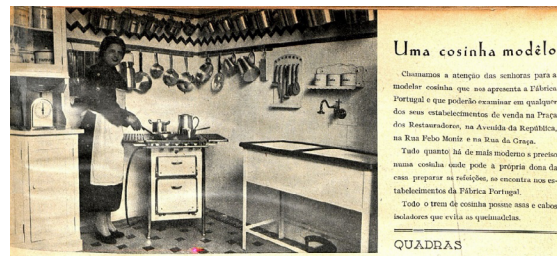
Ando sempre a cozinha portuguesa um pouco divorciada de boa ordem e de método. É isso porque durante muito tempo, por um preconceito que não tinha explicação, se julgava que havia cozinhas e cozas que só resultavam boas quando feitas em tachos de cobre e em panelas de ferro, muito pesadas e muito sujas. Usavam-se tachos que eram feitos de lata, como de lata eram, e cozas onde se guardavam espécies, farrinhas, etc. Como a lata se oxida rapidamente, o aspecto dessas cozas e tachos era simplesmente detestável.

Nas cozinhas de pagamento familiar ainda havia outra coisa que contribuiu para o mau aspecto e qualidade do processo: era o uso do fogareiro que cozinhava a carvão de sobro.

De modo que as cozinhas da *Fábrica Portugal* eram uma dependência pouco simpática, com um des-

**Figura 2** – Um anúncio de uma cozinha modelo com fogão esmaltado e um enorme trem de cozinha de alumínio exclusivos da *Fábrica Portugal*.

*Fémina*, n.º 26, Lisboa, 11-05-1934, p. 21.



A publicidade promovida pelas *Companhias reunidas de gás e eletricidade*, igualmente nos anos de 1930, insistiu na relevância dos lares possuírem fogões que tornassem a vida dos casais mais económica, simples, limpa e divertida e que permitisse dispensar a criada, ao mesmo tempo que fez equiparar a felicidade doméstica à posse de um exemplar a gás. Através de duas fotografias estrangeiras – o pacote que a figura feminina ostenta, pimenta *Schilling* ao custo de uma libra, permite a percepção – e de um texto em forma de artigo desenrola-se a argumentação dirigida a um casal jovem, cujos dois membros trabalhavam fora de casa, ele num banco, ela numa companhia, tornado claro os destinatários da mensagem (*Fémina*, n.º 45, Lisboa, 21-09-1934).

Figura 3 – Publicidade promovida pelas *Companhias reunidas de gás e eletricidade. Fémina*, n.º 45, Lisboa, 21 de setembro de 1934.



A mesma empresa investirá em outros anúncios sempre diferentes, apresentando-os como um conjunto de artigos sobre o fogão nas casas lisboetas. Num esclareceu que “toda a senhora deve ser educada de modo que se transforme numa hábil dona de casa e só será digna deste título aquela que for capaz de não só dirigir como de confeccionar as mais requintadas ementas” (*Fémina*, n.º 49, Lisboa, 19-10-1934), para continuar a dissertar sobre a cozinha modelo, equipada com dois fogões a gás, uma máquina de lavar pratos elétrica e uma máquina de picar também elétrica. Num outro, aludiu ao asseio, à saúde e a não “estragar as mãos” se a opção fosse um fogão a gás (*Fémina*, n.º 152, Lisboa, 10-10-1936). Finalmente, insistiu em dispensar a criada, o que

resultaria em poupança, ficando todo o serviço a cargo da dona de casa que o executaria com a ajuda de uma “mulher a dias”, para os serviços pesados e, naturalmente, com um fogão a gás (*Fémina*, n.º 174, Lisboa, 12-03-1937).

Figuras 4 e 5 – Anúncios das *Companhias reunidas de gás e eletricidade* aos fogões. *Fémina*, n.º 49, Lisboa, 19-10-1934 e n.º 174, 12-03-1937.





Entre 1935 e 1938, as *Companhias reunidas de gás e eletricidade* investiram fortemente na divulgação do gás através da realização de cursos de culinária, a cargo de uma senhora especializada, cujo nome não foi indicado. Em cada um, com 32 a 35 sessões, preparava-se um prato salgado e uma sobremesa. Os cursos realizaram-se nos armazéns de exposição, na rua da Bela Vista, 31, em Lisboa; deram origem a três brochuras com a publicação das receitas, nas quais se indicavam também o tempo de preparação, a temperatura do forno e o consumo de gás em litros e escudos. Nas publicações insistia-se na economia, segurança e asseio inerentes ao uso do gás e da eletricidade, ao mesmo tempo que se exortavam os clientes a solicitar demonstrações de aparelhos ao domicílio, pagando apenas o consumo. Havia ainda um curso de *ménage*, em três lições, que poderia ser frequentado pela dona de casa ou pela criada. Após a prestação de provas, as alunas recebiam um certificado.

Nas primeiras décadas do século XX, um dos aperfeiçoamentos técnicos mais importantes foi a refrigeração. Passou-se da geladeira do século XIX para o frigorífico do século XX, movido inicialmente a vapor, depois a petróleo, a gás e, por fim, a eletricidade. Estes primeiros aparelhos começaram por ser utilizados para fins industriais ou em estabelecimentos comerciais ainda antes da I Guerra Mundial (1914-1918). Porém, ao longo das décadas seguintes, os conselhos para retirar

o ranço à banha – recorrendo à fervura e a fatias de pão ou água fria (*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 872, Lisboa, 04-11-1922, p. 434) –, para a conservação de ovos e queijo curado – usando-se cal viva desfeita em água e leite e cinza, respetivamente (*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 872, Lisboa, 4-11-1922, p. 434) –, de leite – fervendo-o diariamente e usando vasilhas de porcelana ou fazendo evaporar o leite em banho-maria até se reduzir para metade (*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 878, Lisboa, 16-12-1922, p. 629) – e da carne – embrulhando-a num pano de linho e mantendo-a coberta de areia ou carvão pisado numa caixa (*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 880, Lisboa, 30 de dezembro de 1922, p. 691) – revelam que este eletrodoméstico não integrava a esmagadora maioria das casas, nem sequer das abastadas. No final da década de 1920, apareceram os primeiros frigoríficos elétricos para uso doméstico. Contudo, cerca de 10 anos volvidos, em Lisboa, apenas existiam 50 aparelhos, a maioria dos quais pertencentes a estabelecimentos comerciais e industriais (MARQUES, 1991, p. 625).

**Figura 6** – Anúncio aos frigoríficos para estabelecimentos comerciais, instituições e casas particulares. *Ilustração*, n.º 60, Lisboa, 16-06-1928.



As virtudes do frigorífico e da congelação começaram a ser salientadas na publicidade, em especial nas revistas femininas. Por exemplo, um artigo que camuflava um anúncio esclarecia, em 1934, que um bom frigorífico era “um móvel hoje tão indispensável que, quando um rapaz faz contas às despesas imprescindíveis para montar casa e casar”, o terá que incluir (*Fémina*, n.º 26, Lisboa, 11-05-1934, p. 19). Um outro, alegava a necessidade de conservar os géneros durante as férias, em locais onde o abastecimento não era muito sortido, em especial nas praias e nas zonas rurais (*Fémina*, n.º 27, Lisboa, 18-05-1934, p. 19). Por seu lado, a Sociedade Ibérica de Construções Elétricas considerou o eletrodoméstico indispensável, pois permitia economizar, aproveitando-se toda a comida, mesmo os restos; e manter a saúde, uma vez que não se corria o risco de ingerir pratos estragados. Aludiu ainda ao facto de as famílias que o possuíam deixarem de ir comprar gelo e de o juntar às bebidas, pois assim poderiam ser servidas frescas. Rematou referindo que o *refrigerator* era usado nos cursos para donas de casa, ministrados nos Estados Unidos da América, em França e em Espanha e que constituía um “excelente adorno para uma copa” (*Fémina*, n.º 25, Lisboa, 04-05-1934, p. 19). Outras vezes, a opção recaiu numa imagem de página inteira acompanhada por frases como “comprar um refrigerador elétrico é assegurar a saúde” (*Fémina*, n.º 27, Lisboa, 18-05-1934). Alguns textos

alargaram os argumentos favoráveis à presença de um frigorífico no lar. Num aludiu-se a que estavam patentes em modestas pensões, em casas particulares mesmo na província, lembrando ainda que restaurantes e cafés os possuíam e expunham “como uma garantia de que o que comem está em bom estado” (*Fémina*, n.º 29, Lisboa, 01-06-1934). Foi igualmente frequente mencionar que, os problemas de conservação dos alimentos eram mais comuns na época estival, como forma de exortar à compra de um aparelho, em anúncios publicados a partir do mês de abril (*Fémina*, n.º 23, Lisboa, 20-04-1934, p. 19). Aos textos, por vezes longos, juntaram-se sempre desenhos ou fotografias dos aparelhos. Duas marcas começaram a ser citadas, a *Frigidaire* e a *Kelvinator*.

**Figuras 7, 8 e 9** – Anúncios, um com recurso a um texto de tipo artigo, um desenho e uma fotografia, outro focado numa imagem desenhada do frigorífico, e, um último, com a fotografia de um casal junto do eletrodoméstico.

**Fémina, n.º 23, Lisboa, 20 de abril de 1934, p. 19; n.º 94, 30 de agosto de 1935 e n.º 137, 26 de junho de 1936.**





A difusão do novo eletrodoméstico foi lenta. Bertha Rosa Limpo, em *O Livro de Pantagrue*, publicado em 1945, portanto mais de uma década após os apelos antes referidos, escreveu:

É um auxiliar poderosíssimo para uma dona de casa e para uma boa cozinheira. Quanta aflição nos poupa e quantas facilidades nos proporciona! Ter em casa um frigorífico equivale a ter sempre recursos imediatos em qualquer eventualidade porque, graças a ele, podemos ter à mão carne, peixe, salsichas, fiambre cortado, compotas, em suma, uma providencial reserva de alimentos frescos. Isto sem falar na economia que nos traz porque nada se deita fora, tudo, absolutamente tudo, se aproveita (LIMPO, 1945, p. 19).

Pouco depois, voltou ao tema, recomendando a marca *Frigidaire*. Ciente de que poucos o possuíam, não raro aludiu aos tradicionais processos alternativos: “Toda a comida se conserva fervendo-a de manhã e à noite, processo que sempre adoptei, até há uns oito anos e com magníficos resultados.

Depois comprei um frigorífico que é uma joia inestimável” (Modas e Bordados, n.º 1773, Lisboa, 30-01-1946).

Armando Ferreira, na obra *Glória* (1941), referenciou o frigorífico. Ao criticar Maria Luísa, a criada fez saber que na semana anterior aquela tinha convencido o marido a adquirir a prestações “um grande caixote branco para fazer frio por dentro e sorvetes a eletricidade, só para poupar o dinheiro dos refrescos e do gelo” que vinha diariamente do depósito (FERREIRA, 1941, p. 94). O mesmo autor, no conto “O Menino da Mata e o seu cão Piloto”, incluído em *Sorte Grande* (1942), cujo espaço é algures em África, o Dr. Carlos Moura considerou: “Os frigoríficos são uma grande invenção deste século. Pode dizer-se que, hoje, culinariamente, já não há trópicos nem zonas glaciais – concluiu o dr. juiz, que, apesar da asserção, estava desejoso de regressar à metrópole, por causa apenas do Chiado” (FERREIRA, 1942, pp. 39-40). Recorde-se que o Chiado continuava a assumir uma função comercial e cultural relevante na cidade de Lisboa.

Antes, nas casas sem eletrodomésticos, as possibilidades de manter a comida quente ou fria eram outras. Rómulo de Carvalho recordou que a cozinha da casa dos pais dispunha de uma arca grande, tipo baú, cheia de palha, na qual se colocavam os tachos e panelas saídos do lume, de forma a ficarem enterrados na palha, impedindo-se, assim que arrefecesse. Para a

conservar fresca, de um dia para o outro, punha-se tudo na varanda ao relento, durante a madrugada até amanhecer (CARVALHO, 2011, p. 40).

O jogo entre o fascínio e a desconfiança pelos eletrodomésticos, apresentado como tradição *versus* modernidade, foi explorado por Armando Ferreira, no conto “O Americano”, publicado na obra *Os meus fantoches* (1943). A valorização do tradicional em oposição ao moderno foi examinada de modo a tornar as novidades algo a temer. Maurício, um jovem de 25 anos, regressava para junto da noiva e da mãe, proveniente dos Estados Unidos da América, onde fora fazer um curso de especialização médica. Chegava entusiasmado com o progresso material e já preconizava dispensar as criadas, desde que a casa passasse a acolher os novos utensílios e os eletrodomésticos. Para a cozinha trouxe um fogão elétrico que parecia uma frigideira para fazer “*hot-dog*, o cão quente”. A mãe, que nada percebeu e algo assustada, começou por interrogar se iria ter pão quente em casa. Afinal, falava-se de salsichas. No domingo, assistiu-se à estreia do novo equipamento da cozinha, um fogão elétrico com uma chapa de zinco com dois comutadores e uma grelha por baixo, no qual preparou bifés. Lamentou a inexistência de um cortador absorvente diferencial para cortar a carne em talhadas iguais e sem perder o sangue. Finalmente, o bife, bastante cru, foi acompanhado por uma

compota de cascas de laranja e por rodelas de pepino. A mãe, em contrapartida, preparou açorda à alentejana, com pedaços de toucinho e de chouriço, que o filho considerou ser uma comida pesada e grosseira. No final do mês, a conta da eletricidade, no valor de dois contos e quinhentos escudos, fez amaldiçoar fogões, máquinas de lavar e outros eletrodomésticos. A conversão foi imediata: “Mãe! Faça-me cozido à portuguesa! Chame o carvoeiro! Torre-me o pão sobre as brasas” (FERREIRA, 1943, p. 141).

### **Cuidar das roupas: máquinas de lavar roupa e ferros de engomar**

Os cuidados com as roupas – vestuário e têxteis do lar – implicavam, em especial, limpar, lavar e passar a ferro. Quer os manuais de economia doméstica quer os de civilidade aludiram e explicitaram estas realidades, em alguns casos, com muito pormenor. Por exemplo, Virgínia de Castro e Almeida dividiu a roupa doméstica em categorias – de cama e quarto, de mesa, de copa, de cozinha, de limpeza e de banho – e aconselhou a tratar o vestuário em casa (ALMEIDA, 1906, p. 96); enquanto Maria Lúcia Namorado, em 1943, apresentou um enxoval que considerou modesto, ao mesmo tempo que defendeu que com uma duplicação das peças seria bom, mas longe de ser opulento, tanto mais que “a dona de casa sensata

e prevenida prefere ter menos um vestido, menos um móvel, tapetes e louças mais modestas e mais farturas de roupa caseira" (NAMORADO, 1943, p. 147).

Têxteis do lar (enxoval modesto), segundo Maria Lúcia Namorado

| Roupa de banho       | Roupa de cama     | Roupa de mesa                         | Roupa de cozinha           | Roupa de limpeza                  |
|----------------------|-------------------|---------------------------------------|----------------------------|-----------------------------------|
| Lençóis de banho (6) | Almofadas (12)    | Guardanapos de jantar (12 por toalha) | Guardanapos (6)            | Aventais de criada (6)            |
| Toalhas de felpa (6) | Almofadas* (6)    | Guardanapos de chá (12 por toalha)    | Panos de sarja branca (12) | Flanelas (6)                      |
| Toalhas de mãos (12) | Almofadões (6)    | Sacos para guardanapos (6)            | Panos de pano cru (12)     | Panos do chão (4)                 |
| Toalhinhas (12)      | Almofadões* (3)   | Toalhas de chá (3)                    | Panos de riscado (12)      | Panos do pó (6)                   |
|                      | Cobertores (4)    | Toalhas de jantar (6)                 | Toalhas de mãos (6)        | Sacos de tamanhos diferentes (12) |
|                      | Cobertores* (4)   |                                       | Toalhinhas de mesa (6)     |                                   |
|                      | Colchas (2)       |                                       | Pegas para tachos (4)      |                                   |
|                      | Colchas* (2)      |                                       |                            |                                   |
|                      | Lençóis (12)      |                                       |                            |                                   |
|                      | Lençóis* (12)     |                                       |                            |                                   |
|                      | Travesseiros (6)  |                                       |                            |                                   |
|                      | Travesseiros* (6) |                                       |                            |                                   |

\* Para cama estreita.

Como tratar das roupas? Durante séculos, o recurso à lavadeira foi a prática quotidiana. No início do século XX, as mulheres da região de Sintra, conhecidas como saloias, praticavam esse mister – a par das lides domésticas, da agricultura, da criação de galinhas e do preparo de pão e bolos – tendo como clientes as casas de Lisboa, como foi lembrado por Alfredo de Mesquita, na obra literária *Alfacinhas* (1910) (MESQUITA, s. d., p. 40). Porém, esta prática estava espalhada por todo o país. Diversas capas da revista *Ilustração Portuguesa* dos anos imediatamente a seguir à Grande Guerra, com exceção da primeira que aqui se apresenta, mostram mulheres jovens a lavar nos rios,

apresentando, quando visíveis, caras sorridentes. Num caso, a lavadeira foi fotografada fora do rio, com a roupa colocada num cesto, eventualmente após a faina. Esta atividade era particularmente

difícil, em especial nas épocas com temperaturas baixas, na medida em que estas mulheres estavam parcialmente dentro de água, enquanto lavavam as peças, recorrendo a tábuas de madeira ou a pedras, a sabão e a muito esforço físico.

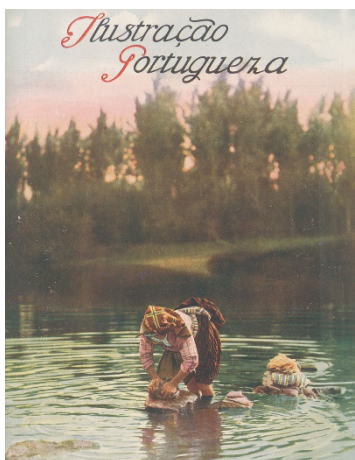
**Figura 10** – Lavadeira de Entre-os-Rios (Penafiel)  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 610, Lisboa, 29-10-1917.



**Figura 11** – Lavadeira no rio Corgo (Trás-os-Montes)  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 692, Lisboa, 26-05-1919.



**Figura 12 – Lavadeira**  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º  
 720, Lisboa, 08-10-1919.



**Figura 15 – Lavadeira**  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º  
 923, Lisboa, 27-10-1923.



**Figura 13 – Lavadeira**  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º  
 749, Lisboa, 28-06-1920.



**Figura 14 – Lavadeiras do Porto**  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º  
 887, Lisboa, 17-02-1923.



Em 1919, Norberto de Araújo dedicou-lhes um artigo cujas imagens incluíram lavadeiras de Espinho, de Laveiras, do Mondego e dos arredores de Lisboa. Nessas fotografias vêem-se mulheres a trabalhar em grupo com os alguidares, os cestos e as pedras onde a roupa era esfregada e batida (*Ilustração Portuguesa*, n.º 720, Lisboa, 08-12-1919, pp. 442-444). O autor considerou que “as lavadeiras, as saloias, porque em Lisboa são as saloias dos arredores que lavam, as lavadeiras são ainda um resto da civilização do século XIX, que nos ficou em costumes” (*Ilustração Portuguesa*, n.º 720, Lisboa, 08-12-1919, p. 442). Esse costume ficou bem patente no filme realizado por Chianca de Garcia, em 1939, intitulado *Aldeia da Roupa Branca*. Trata-se de uma comédia de 89 minutos, a preto e branco, dedicada à vida destas mulheres dos arredores de Lisboa. Uma das canções, com letra de Raul Portela, foi interpretada pela atriz Beatriz

Costa, a personagem Gracinha, enfatizou a árdua tarefa:

Ai rio não te queixes  
 Ai o sabão não mata  
 Ai até lava os peixes  
 Ai põe-nos cor de prata  
 Roupa no monte a corar  
 Vê lá bem tão branca e leve  
 Dá ideia a quem olhar  
 Vê lá bem que caiu neve

Água fria, da ribeira  
 Água fria que o Sol aqueceu  
 Ver a aldeia traz à ideia  
 Roupa branca que a gente estendeu  
 Três corpetes, um avental  
 Sete fronhas e um lençol  
 Três camisas do enxoval  
 Que a freguesa deu ao rol

Ai rio não te queixes  
 Ai o sabão não mata  
 Ai até lava os peixes  
 Ai põe-nos cor de prata  
 Olha ali o enxoval  
 Vê lá bem de azul da esperança  
 Parece o monte um pombal  
 Vê lá bem que pombas brancas

Água fria, da ribeira  
 Água fria que o Sol aqueceu  
 Ver a aldeia traz à ideia  
 Roupa branca que a gente estendeu  
 Três corpetes, um avental  
 Sete fronhas e um lençol  
 Três camisas do enxoval  
 Que a freguesa deu ao rol

Ai rio não te queixes  
 Ai o sabão não mata  
 Ai até lava os peixes  
 Ai põe-nos cor de prata  
 Um lençol de pano cru  
 Vê lá bem tão lavadinho  
 Dormimos nele, eu e tu

Vê lá bem, está cor de linho  
 Água fria, da ribeira  
 Água fria que o Sol aqueceu  
 Ver a aldeia traz à ideia  
 Roupa branca que a gente estendeu  
 Três corpetes, um avental  
 Sete fronhas e um lençol  
 Três camisas do enxoval  
 Que a freguesa deu ao rol.

No dia-a-dia, a realidade era bem mais dura e menos risonha do que as capas da revista *Ilustração Portuguesa* ou as imagens do filme *Aldeia da roupa branca* mostravam. Diariamente, grupos de mulheres carregavam trouxas de roupa suja e em qualquer grande ou pequeno rio dedicavam-se a molhar, ensaboar, por a corar, bater, esfregar e torcer roupa, por vezes acompanhando a tarefa com cantigas.

**Figura 16** - Grupo de lavadeiras do Mondego  
*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 720, Lisboa, 08-12-1919.



Nas já referidas memórias de Rómulo de Carvalho foi lembrada a visita semanal da lavadeira às casas lisboetas. Para o autor, eram mulheres oriundas dos arredores de Lisboa, em especial de Caneças, que se dirigiam à capital montadas em burros, mulas ou andando de carroça, e carregavam trouxas de roupa que lavavam nos cursos naturais dos rios e ribeiros e

cujas clientes eram da pequena burguesia. Em casa, as famílias apenas lavavam peças pequenas e pouco sujas, recorrendo a alguidares de barro e a sabão azul e branco, conhecido como sabão da roupa. O recebimento das peças limpas e a entrega das sujas, obedeciam a um ritual próprio, praticado semanalmente:

No dia combinado a lavadeira subia a escada com a trouxa de roupa à cabeça, puxava o cordão da campainha e era recebida no vestíbulo da casa [...]. A mulher sentava-se no chão, desatava os nós do lençol da trouxa e punha à vista a roupa lavada donde emanava um cheiro particular. Cheirava a campo, a vacas e a pão fresco, e vinha impecavelmente branca e bem dobrada. Agora tinha que ser conferida. A minha mãe trazia consigo um livrinho, chamado o 'rol da lavadeira', onde tomava nota da roupa que mandara lavar. Então ia lendo cuidadosamente: duas toalhas (cá estão), quatro pares de calças (estão aqui), três lençóis (estão aqui), etc., etc. A lavadeira ia empilhando as peças num montinho à medida que as separava da trouxa. Tudo bem, tudo em ordem, tudo certo, tudo bem lavado. Agora vamos às contas: duas toalhas, tanto; quatro pares de calças, tanto; três lençóis, tanto. Depois de uma pausa para a lavadeira saborear o cafezinho que lhe era oferecido para aconchego

do estômago, entregava-se-lhe a roupa que levaria consigo para ser lavada. A operação era delicada e decorria com disfarces porque a roupa estava suja, enxovalhada, e não era bonito expô-la aos olhos dos presentes. Entregava-se-lhe em papéis de jornal (CARVALHO, 2011, p. 33).

Se a lavadeira dominava, a preferência pela lavandaria a vapor, para o tratamento dos têxteis do lar, foi a opção de Virgínia de Castro e Almeida. A autora considerou ser um recurso mais higiénico e regular, na medida em que naqueles estabelecimentos a roupa era lavada numa solução de cloreto de cal feita em percentagem que não prejudicava os tecidos e a uma temperatura bastante alta para destruir os micróbios" (ALMEIDA, 1906, p. 98). Para os cuidados domésticos das peças forneceu indicações precisas para cada tipo de tecidos, dissertou acerca dos detergentes, mostrou-se crítica das lavadeiras, explicou como se tiravam nódoas e referiu os diferentes aparelhos de lavar roupa, usando a energia humana (ALMEIDA, 1906, pp. 220-239, 260-266).

Durante a década de 1930, uma intensa campanha, mais do que contra as lavadeiras, a favor da máquina de lavar roupa, já o eletrodoméstico e não o cilindro movido manualmente, sugerido por Virgínia de Castro e Almeida, preencherá algumas páginas da *Fémína*. Pode dizer-se que os



artigos foram constituídos por textos repetitivos que exaltaram a higiene, considerando que as lavadeiras misturavam roupas de pessoas de famílias diferentes, algumas com doenças, que batiam as peças nas pedras, o que muito contribuía para as destruir. Importava, pois, fazer uso de uma máquina doméstica ligada à corrente, tal como acontecia no estrangeiro (*Fémína*, n.º 4, Lisboa, 08-12-1933, p. 14). Nestes artigos, por vezes, a linguagem foi muito direta: “as roupas podem e devem ser lavadas em casa, defendendo-nos de toda a porcaria e dos perigos contra a nossa saúde, mas sem aumentar o serviço de uma criada, antes dispensando-a mesmo, sem aumentar a despesa com a lavagem, antes tornando-a mais económica” (*Fémína*, n.º 6, Lisboa, 22-12-1933) ou “deixemos de ser botas de elástico, deixemos o ronzeirismo e saibamos administrar a nossa casa. Lavemos a roupa em casa, nas máquinas de lavar, se queremos evitar perigos para a saúde e economizar as roupas e as despesas da lavagem” (*Fémína*, n.º 13, Lisboa, 09-02-1934). Num desses artigos foram fornecidas extensas explicações acerca do funcionamento do eletrodoméstico, tornando-se claro que era desconhecido da maioria das leitoras:

a máquina de lavar compõe-se de um tanque de lavagem, em ferro, dum câmara de secagem e dum dispositivo de rolos de secagem [...] para se por a funcionar, deita-se água no tanque de lavagem e mistura-se-

lhe sabão em pó ou líquido. Ligada a máquina à corrente, como qualquer candeeiro vulgar, põe-se a trabalhar o agitador que faz dissolver o sabão e começa a formar-se grande quantidade de espuma. Pára-se a máquina, deita-se dentro a roupa que se quer lavar e põe-se novamente em movimento. E ela lá fica a lavar, sozinha durante alguns minutos [...]. Terminada esta primeira operação, para-se de novo a máquina, tira-se a roupa que foi assim ensaboada e liberta de toda a sujidade, despeja-se a água de sabão e volta-se a encher com água simples, limpa, mergulhando novamente a roupa nela e pondo a máquina a trabalhar. Repetida esta operação mais uma vez, para que a roupa fique inteiramente isenta de sabão, resta enxaguá-la. Coloca-se na câmara centrifugadora, onde, por um rápido movimento de rotação, dentro de curtos minutos, a roupa está seca. Se se pretende uma secagem mais completa, passam-se as peças de roupa, uma por uma, entre os rolos secadores que a espremem e secam ainda mais (*Fémína*, n.º 13, Lisboa, 09-02-1934).

Eliminar as nódoas implicava a manipulação das mais variadas substâncias e podia aprender-se quer nos manuais de economia doméstica quer nos mais variados artigos de revistas femininas, nos quais se encontravam também informações acerca de como

lavar a malha de seda (*Ilustração Portuguesa*, 2.ª série, n.º 944, Lisboa, 22-03-1924, p. 356). Paralelamente, os preparados industriais foram aparecendo e a publicidade não deixou de referir detergentes para lavar à mão. Por exemplo, na década de 1930, anunciava-se *Persil*, destinado a tecidos delicados. Seria uma novidade, pois era possível pedir uma demonstração do uso do produto. No anúncio vê-se uma senhora a exibir um vestido lavado e umas mãos delicadas a cuidar de uma peça mergulhada num alguidar. Duas embalagens do produto, ainda que pequenas, são igualmente visíveis.

**Figura 17** – Anúncio ao detergente *Persil* *Fémína*, n.º 134, Lisboa, 29 de maio de 1936, p. 18.



A máquina de lavar roupa começou por ser bastante cara. Ainda o era por volta de 1950 e só se foi generalizando a partir dos finais da década de 1960. Em 1968, existia somente em 1,3% dos lares portugueses (BUSSOLA, 2004, pp. 96-98). Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, entre 1947 e 1975, nas famílias, os aparelhos de lazer (rádio e televisão) e os frigoríficos predominaram em relação às máquinas de lavar roupa e aos aspiradores, indiciando

que quer as donas de casa quer a criadagem continuavam a achar-se pouco aliviadas de certas tarefas domésticas (BUSSOLA, 2004, p. 95).

Os cuidados com as peças de roupa implicavam ainda passar a ferro ou brunir. Antes do aparelho de engomar elétrico, essa tarefa era uma atividade doméstica que implicava a utilização de uma mesa e de um ferro, sendo um trabalho particularmente cansativo. Note-se que, em 1930, somente 13% dos lares portugueses tinham o eletrodoméstico, situação que se alterou para 20% em 1936 (BUSSOLA, 2004, p. 98). Nas referidas memórias de Rómulo de Carvalho, aludiu-se à situação antes do uso do eletrodoméstico:

O 'ferro de passar' era uma peça, hoje museológica, que constituía um dos instrumentos de tortura das donas de casa, pelo peso que tinha e pelo trabalho que dava para ser posto em condições de funcionar [...]. O ferro era aquecido por meio de carvões em brasa, previamente levados à incandescência, cá fora, num fogareiro, e transportados com uma tenaz para a caixa do ferro, soprando-os vivamente, o que consumia o fôlego e a paciência das pobres donas de casa [...]. Um trabalho violento, demorado, desinteressante e cansativo. Como o ferro ia, entretanto, arrefecendo, convinha levá-lo de vez em quando à janela, para soprar nos carvões e os avivar. A cada sopro espalhavam-

se no ar as fagulhas acesas enquanto se respiravam os gases da combustão (CARVALHO, 2011, p. 35).

outras revistas quer generalistas quer femininas, contribuía para informar as donas de casa elegantes e com meios, ou pelo menos com alguns meios, incentivando-as à compra dos novos bens e explicando-lhes as vantagens do uso desses novos bens.

### Em jeito de balanço

No período entre as duas guerras mundiais, concretamente na década de 1930, a revista *Fémina* publicou diversos artigos em que se camuflava publicidade a marcas de fogões e frigoríficos, ao mesmo tempo em que insistiu na necessidade de deixar de recorrer às lavadeiras e passar a utilizar máquinas de lavar roupa elétricas. Apesar da vulgarização dos eletrodomésticos ter conhecido uma maior e mais rápida amplitude após a II Guerra Mundial, o período entre as duas guerras mundiais assistiu aos primeiros esforços no sentido de modernizar os lares portugueses dos grupos com maior poder económico. Não obstante a coexistência entre as práticas antigas e modernas se terem mantido durante décadas.

O gás e a eletricidade foram sendo apresentados como fundamentais para levar a cabo as tarefas domésticas com higiene, conforto, economia e eficácia e até como uma maneira de poupar pois, em alguns casos, os eletrodomésticos foram apresentados como um meio de dispensar as criadas domésticas. Num mundo em que a simplificação e a rapidez se manifestavam cada vez mais, as imagens e os textos publicados na *Fémina*, como em

## Fontes e bibliografia

### Fontes impressas

ALMEIDA, Virgínia de Castro e, *Como devo governar a minha casa*, modificação e adaptação do livro italiano de Giulia Ferraris Tamburini. Lisboa: Clássica Editora, 1906.

CARVALHO, Rómulo de, *Memórias*. 2.ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

*Fémina*. Lisboa, 1933-1938.

FERREIRA, Armando. *Glória: novela de costumes populares lisboetas sujeita a mote*. Lisboa: Livraria Guimarães, 1941.

FERREIRA, Armando. *Os meus fantoches: contos humorísticos*. Lisboa: Guimarães e Companhia Editores, 1943.

FERREIRA, Armado. *Sorte Grande: 30 contos por 10\$00*. Lisboa: Guimarães e Companhia Editores, 1942.

*Ilustração Portuguesa*. 2.ª série, Lisboa, 1919-1923.

LIMPO, Bertha Rosa. *O Livro de Pantagrue: cozinha, doçaria, bebidas*. Lisboa: Editorial O Século, 1945.

MESQUITA, Alfredo. *Alfacinhas*, Lisboa: Vega, s. d.

*Modas e Bordados*. Lisboa, 1946.

NAMORADO, Maria Lúcia. *A mulher, dona de casa*. 2.ª edição. Lisboa: Edições Universo, 1943.

*Notícias (O) ilustrado*. 2.ª série, Lisboa, 1930.

## Bibliografia

AGOSTINHO, Andreia. "A sociedade feminina do século XX vista através da Modas & Bordados". *Jornalismo e Jornalista*, 30 (2007), pp. 54-64.

ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e. *Do Tempo e da Moda: a moda e a beleza feminina através das páginas de um jornal (Modas e Bordados – 1912-1926)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

BRAGA, Isabel Drumond. "Disciplinar o corpo e apurar a raça: a educação física na revista *Fémina* (1933-1938)". *Caderno Espaço Feminino*, 32 - 1, (2019), pp. 83-126.

BRAGA, Isabel Drumond. *O Jornal da Mulher (1910-1937): conselhos de economia doméstica e receitas de culinária*". *Revista Portuguesa de História*, 51 (2020), pp. 171-202.

BRAGA, Isabel Drumond, PILLA, Maria Cecília Amorim (coord.). *O Corpo em revista: alimentação, higiene e cosmética em Portugal e no Brasil (século XX)*. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

BRAGA, Isabel Drumond; BRAGA, Paulo Drumond. "A Mocidade Portuguesa Feminina e a formação culinária em *Menina e Moça* (1947-1962)". *Cadernos Pagu*, 39 (2012), pp. 201-226.

BUSSOLA, Diego. *A "modernização" dos lares lisboetas: consumo de energia e electrodomésticos na Lisboa do após-guerra (1947-1975)*. Lisboa: Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2004.

BUSSOLA, Diego. *A luz do capital: SOFIMA e a regularização da electricidade em Lisboa e Buenos Aires, no século XX*. Lisboa: Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada ao ISCTE-IUL, 2012.

*Caderno Espaço Feminino*, 32 - 1 (Dossiê temático *Revistas femininas em debate – Brasil e Portugal no século XX*). Uberlândia (MG-Brasil), 2019.

COSNIER, Colette. *Les dames de Femina: un féminisme mystifié*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009.

GOMES, Tânia Vanessa Araújo. *Uma revista feminina em tempo de guerra: o caso da Eva (1939-1945)*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Economia, Sociedade e Relações Internacionais apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.

GUIMARÃES, Maria Alice Pinto. *Saberes, modas e pó-de-arroz: Modas e Bordados. Vida Feminina (1933-1955)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

LEAL, Ivone. *Um século de periódicos femininos: arrolamento dos periódicos entre 1807 e 1926*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina e para os Direitos das Mulheres, 1992.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos*. Lisboa: Quimera, 2005.

MARQUES, A. H. de Oliveira. "Aspetos da vida quotidiana". *Portugal da Monarquia para a República*, coordenação de A. H. de Oliveira Marques (= *Nova História de Portugal*, direção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. 11). Lisboa: Presença, 1991, pp. 617-677.

PRATES, Maria Luiza Fouto. *O Jornalismo Feminino nas décadas de 30 e 40 na Revista Modas e Bordados e a Personalidade de Maria Lamas*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Cultura Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2003.

RODRIGUES, Mariline Direito. *Mulheres e cidadania na Revista Modas & Bordados: representações de um percurso de mudança entre 1928-1947*. Lisboa: Dissertação de mestrado em Jornalismo apresentada à Escola Superior de Comunicação Social, 2016.

SALVADOR, Teresa. "Em torno dos periódicos femininos". *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, 26 (2009), pp. 95-117.

Recebido em: 30/set/2020

Aceito em: 4/nov/2020